

Entrevista com Glauber Romling da Silva

Ian Martin: Qual é, na sua opinião, o principal objetivo, valor ou importância de traduzir uma língua indígena para o português (ou outra língua hegemônica/nacional, como o espanhol, o inglês ou o francês)? Você acha que a importância mudou significativamente em relação a épocas passadas? Como essa mudança se manifesta?

Glauber Romling da Silva: A tradução de línguas indígenas para línguas majoritárias têm duas faces: uma é a tradução interlíngua per se, em que se traduz o signo verbal de uma língua para o signo verbal de outra; a outra diz respeito à tradução intersemiótica necessária para transferir ou adaptar a estética de um texto cujo suporte é tradicionalmente oral para um texto que se utiliza de outro suporte, como a escrita.

Historicamente, traduções de línguas indígenas para línguas majoritárias codificam todo e qualquer enredo mítico à literatura infanto-juvenil. Os enredos míticos fundam a base ontológica de qualquer povo. No Ocidente, a expulsão do Homem do Paraíso ofertado pelo criador, devido à indução da Cobra que utiliza a Mulher como instrumento de persuasão para que o mesmo desafie a autoridade de Deus, traz em sua mensagem algumas lições básicas para o mundo judaico-cristão, como a culpa (ou pecado) original e a natureza secundária da mulher nessa hierarquia. Para os Paresi-Haliti, um povo indígena Arawak que habita o cerrado amazônico, a origem de tantos subgrupos étnicos distintos liga-se diretamente à sua ancestralidade original: Wazare, ente mítico precursor, ao sair da pedra com seus irmãos, apontou-lhes caminhos distintos para que escolhessem onde habitar e lá pudessem cuidar de seus descendentes. Assim, os Paresi explicam as diferenças internas que se soerguem em rompimentos periódicos, ao mesmo tempo que mantêm a unidade como nação. Logicamente, ambos os enredos podem ser adaptados para histórias infanto-juvenis, no entanto, a tradução de textos indígenas, via de regra somente para essa modalidade, mostra muito sobre a atitude do Ocidente frente a essas nações. Nesse contexto, o propósito principal da tradução de materiais em línguas indígenas é dar voz e protagonismo aos pensadores indígenas de maneira equivalente aos pensadores ocidentais.

Atualmente, há mudanças significativas e pioneiras em relação a esse olhar, como a tese de doutorado de Pedro Cesarino Niemeyer, um processo brilhante de tradução dos cantos Marubo, onde descreve a poética xamanística como um “pensamento e uma atuação sobre estado geral de desolação, desagregação e doença que caracteriza esta época”.¹ A consolidação desse processo é importante para um maior entendimento de culturas que têm pontos de partida filosóficos muito distintos do Ocidental, onde a forma do “invisível” é muito mais definidora de um pertencimento étnico do que a forma da cultura material ou “visível”.

IM: Qual é a direção mais importante no momento histórico atual: a tradução para ou a tradução de línguas indígenas – ou você acha que ambas as direções são igualmente importantes? Quais são os principais motivos, na sua opinião?

GRS: Ambas as direções são importantes, já que se adequam a aplicações distintas. A primeira direção é importante para aplicações mais práticas, como a aproximação de populações indígenas de políticas de Estado, ainda que essa preze pela autonomia. Isso se materializa na confecção de cartilhas bilíngues para agentes de saúde, materiais didáticos para escolas indígenas, bem como toda sorte de documentos que circulem entre órgãos do Estado e as nações tradicionais. A segunda direção não se faz menos importante pelos mesmos motivos expostos na resposta à primeira pergunta.

GRS: Tudo indica que a demanda por traduções em ambas as direções vai continuar crescendo. As traduções para línguas indígenas ganham mais espaço em um contexto onde as populações indígenas estão mais organizadas e conquistaram mais espaço frente às decisões dos Estados que as cercam.

¹ Pedro Cesarino Niemeyer. “Oniska: a poética da morte e do mundo entre os Marubo da Amazônia Ocidental,” pg. 5.

Dessa forma, o interesse por uma aproximação Estatal mais “amigável” é a saída mais plausível para as políticas desses governos, posto que se interpõem a grupos cada vez mais conscientes e atentos frente à sociedade envolvente. Traduções que partem de línguas indígenas para línguas majoritárias também tendem a crescer, tendo em vista o aumento do número de trabalhos científicos em diversas áreas, como a linguística e a antropologia que buscam descrever e expor esses sistemas culturais, não partindo do que lhes falta em relação ao Ocidente (Estado, cultura material complexa, etc...) como pontuou Clastres, mas sim em relação ao que há de diferente.

Pessoalmente, gostaria de trabalhar com termos técnicos xamânicos, ou seja, palavras que possuem formas que são utilizadas somente em contextos rituais. Essas palavras guardam semelhanças interessantes com termos técnicos ocidentais, não só em termos de significado, já que, assim como esses, referem-se a parte de um conhecimento tradicional ou científico de uma cultura, mas também em termos de forma, pois são, preferencialmente, complexas morfologicamente e fazem referência a uma língua ou estágio antigo de língua. Em Português, como em muitas línguas ocidentais, termos técnicos para Medicina, por exemplo, são sempre criados com base em termos latinos ou gregos e possuem, via de regra, certa complexidade morfológica, como cardio+logista (médico que estuda o coração) e oftalmo+nari+laringo+logista em Português (médico que estuda olhos, narinas e laringe). Em Paresi, palavras como ema, onça ou porco-queixada, peças importantes para o sistema mitológico desse povo, também possuem formas especiais que seguem princípios de criação e concepção semelhantes a esse.

IM: Você acha que a tradução pode contribuir para o fortalecimento ou a revitalização de uma língua indígena? Como a tradução poderia ser integrada às outras práticas de fortalecimento, por exemplo o ensino de uma língua indígena (ou na língua indígena) como meio de instrução?

GRS: Não há tentativa de revitalização que possa dar certo sem a elaboração de materiais em língua indígena. Em geral, populações indígenas que têm suas línguas tradicionais moribundas chegaram a esse estágio por causa da invasão de sociedades com Estado que trouxeram consigo a escrita e uma imposição monolíngue. Nesse contexto, a tradução pode e deve ser integrada para a criação, por exemplo, de materiais didáticos na dimensão escolar ou como meio de instrução consciente em quaisquer dimensões em que isso seja possível.

IM: Sabemos que já houve muitas más traduções de narrativas indígenas. Que efeito você quer passar aos seus leitores ao traduzir uma narrativa indígena para uma língua não-indígena?

GRS: Traduzir todo o arsenal estético de uma narrativa indígena cujo suporte de memória tradicional é oral, para a escrita é uma tarefa complexa. Um exercício de tradução intersemiótica radical em que se transponha completamente efeitos prosódicos e performáticos é impossível. É a mesma encruzilhada que tradutores de poesia enfrentam: como manter efeitos estéticos, ou seja, de forma, em outra forma? Como tentar não ser um “tradutor-autor”? Pode-se dizer que o mais responsável a ser transmitido para uma audiência é o de deixá-la a par de toda essa limitação para que a mesma tenha uma fruição estética mais honesta.

IM: Na sua opinião, qual é o futuro da formação dos tradutores que trabalham com as línguas indígenas?

GRS: O melhor caminho é catalisar esforços para que cada vez mais falantes nativos de línguas indígenas virem pesquisadores em tradução. Já temos diversos exemplos, em vários países, de cursos interculturais de nível superior que formam professores indígenas, como o da universidade em que trabalho na amazônia brasileira, bem como o de indígenas que são mestres e doutores em linguística ou antropologia, cujos objetos de estudo originam-se de suas próprias comunidades originais.